

## HILDEGARDA DE BINGEN

Hildegarda, nascida em 1098 em Bermersheim, na região da Renânia-Palatinado, Alemanha, proveniente de uma família nobre, viveu até 1179, falecendo em Rupertsberg, nas proximidades de Bingen. Sua vida coincidiu com eventos históricos marcantes, como a Segunda Cruzada (1147-1149) e o reinado de Frederico Barba-Ruiva (1155-1190) no Sacro Império Romano-Germânico.

Abadessa, teóloga, mística e fundadora de dois conventos, Hildegarda de Bingen destacou-se como uma das figuras mais notáveis da intelectualidade do século XII. Em um período no qual poucas mulheres exerciam influência, ela se tornou uma voz significativa na teologia e filosofia medievais. Além disso, é amplamente reverenciada por suas contribuições à música, à medicina e às ciências naturais. Seus escritos científicos, baseados em cuidadosas observações da natureza, podem ser considerados tratados pioneiros nas áreas de botânica, geologia, cosmologia e medicina.

Hildegarda demonstra, em seus escritos sobre os elementos naturais utilizados para curar ou prevenir enfermidades, um vasto conhecimento da medicina natural, cujas práticas continuam sendo reconhecidas e valorizadas até os dias de hoje. Toda a sua produção literária está impregnada por seu dom de visão mística, claramente presente em sua trilogia visionária, composta pelo *Scivias* (“Conhece os Caminhos do Senhor”), o *Liber Vite Meritorum* (“Livro dos Méritos da Vida”) e o *Liber Divinorum Operum* (“Livro das Obras Divinas”). Nessas visões, que ela recebia em estado de vigília e plena consciência, e não durante o sono ou em sonhos, sua sabedoria, revelações e escritos lhe eram transmitidos pela Luz Divina (*Scivias*, *Protestificatio*, 43-47). Esse dom se manifesta em toda a sua obra, incluindo sua correspondência.

Apesar de existirem lacunas biográficas sobre muitas figuras da época, a vida de Hildegarda é amplamente conhecida, em parte devido à sua vasta correspondência — cerca de quatrocentas cartas sobrevivem até hoje — e à sua biografia *Vita Hildegardis*, composta pelos monges Godofredo de São Disibodo e Dieter de Echternach entre 1177 e 1181.

## **A correspondência de Hildegarda**

O epistolário de Hildegarda foi composto entre 1146 e 1179, desde o início de seus escritos e em paralelo à elaboração de todas as outras obras que produziu.

Nas cerca de quatrocentas cartas que chegaram até nós, encontramos testemunhos que abrangem todos os aspectos da vida e obra de Hildegarda. O conteúdo dessas correspondências revela não apenas sua mente brilhante, mas também sua profunda sensibilidade. A historiadora francesa Régine Pernoud (1994) a descreve como a “consciência inspirada do século XII”, em reconhecimento à sua notável contribuição a diversas áreas do conhecimento, como a medicina e a música — campos tradicionalmente inacessíveis às mulheres.

Além disso, Hildegarda era amplamente consultada por figuras ilustres de toda a Europa. Papas, imperadores e líderes religiosos escreveram a ela, muitas vezes acolhendo suas recomendações e críticas, mesmo quando estas eram incisivas. Muitos de seus correspondentes buscavam orientação sobre passagens das Escrituras, e, embora Hildegarda declarasse sua falta de erudição, era frequentemente considerada uma autoridade em exegese, sendo suas interpretações altamente valorizadas.

Essas correspondências oferecem uma visão multifacetada dos conflitos que marcaram a Europa medieval, como a tensão entre o poder eclesiástico e secular, a expansão dos cátaros e os desafios de corrupção enfrentados pela Igreja.

Hildegarda, longe de ser uma observadora passiva, participou ativamente da vida política e religiosa de sua época, usando suas cartas como meio para denunciar injustiças e promover mudanças. Suas epístolas compartilham com seus sermões o tom exortativo, voltado para a reflexão espiritual, e frequentemente revelam uma análise teológica incisiva. Além disso, expressam uma crença profunda na intercessão dos santos e na eficácia das orações de pessoas consideradas santas ou próximas de Deus, reafirmando o caráter místico e espiritual que permeia toda a sua obra.

## Estrutura e aspectos de tradução

As cartas de Hildegarda seguem, quanto à estrutura, as convenções do ambiente monástico medieval. Começam com uma saudação dirigida a uma pessoa ou comunidade, desenvolvem-se em um corpo textual que pode incluir pedidos, reflexões, recomendações ou conselhos sobre diversos assuntos, e finalizam com uma despedida.

À luz do estilo contemporâneo de correspondência, as cartas de Hildegarda causam certo estranhamento, pois o seu "eu" raramente se revela diretamente. Em geral, ela se refere a si mesma como "pobre criatura feminina" (*paupercula forma*, Ep. XXV) e menciona viver em um "tempo de mulheres, porque a justiça de Deus está enfraquecida" (*Istud tempus muliebre est, quia iustitia Dei debilis est*, Ep. XXIII). Em suas palavras, Hildegarda afirma que recebeu o conteúdo das cartas a partir do mundo espiritual: "Na visão implantada por Deus em minha alma, antes do meu nascimento, fui compelida a escrever estas coisas" (*In uisione quae animae meae, antequam nata procederem, a Deo opifice infixata est, coacta sum ad scribendum ista*, Ep. XXIII) e que "ouvi uma voz procedente da luz viva" (*audiui uocem a uiuente luce procedentem*). Em alguns momentos, afirma que expressar em palavras aquilo que vê e ouve é uma tarefa árdua: "tenho grandes dificuldades com esta visão, tanto em dizer o que vi quanto em ouvi" (*magnos labores habeo in hac uisione, quatenus dicam quod uidi et audiui*, Ep. I).

Assim, o conteúdo das cartas de Hildegarda é atribuído ao Divino ou à Luz Viva, quer em citações diretas ou em relatos de visões, e muitas vezes se entrelaça inextricavelmente com suas próprias palavras. Essa estratégia confere autenticidade às mensagens e permite que "a pobre criatura feminina" reivindique autoridade em um universo dominado por vozes masculinas. Esse deslocamento do "eu" não impede que, por vezes, surjam traços pessoais de Hildegarda ou de seus correspondentes, ainda que apenas de forma fugaz e subjacente. Esses aspectos mais íntimos não se apresentam de imediato, exigindo uma leitura atenta e cuidadosa. Hildegarda se expressa por meio de Deus, e não por si própria; suas cartas, enigmáticas, simbólicas e de inspiração divina, são entremeadas de alusões bíblicas e marcadas por um estilo retórico.

Como era costume entre os autores de renome da época, as cartas de Hildegarda foram em grande parte ditadas a secretários. Três assistentes eruditos desempenharam essa função ao longo de sua vida: Volmar, até sua morte em 1173; Gottfried, até 1176; e Guiberto de Gembloux, que permaneceu com ela até o fim. Em relação à correção gramatical em latim, as cartas trazem certas dificuldades de tradução. São abundantes em

partículas enfáticas, conjunções e pronomes, muitas vezes empregados de modo pouco convencional, e o próprio conteúdo, subjetivo e baseado em suas visões, também desafia a tradução. Estruturalmente, buscamos preservar a maioria das repetições no início dos parágrafos, onde predominam partículas enfáticas e conjunções (*enim* – “de fato”, *nam* – “pois”, *et* – “e”, *ergo* – “portanto, logo”) sem que haja, muitas vezes, uma razão concreta para seu uso. As cartas também fazem amplo uso de *sed* e *autem*, conjunções adversativas que frequentemente não denotam oposição a uma ideia anterior. Para manter o estilo característico de Hildegarda, portanto, preservamos várias dessas ocorrências, embora pudessem ter sido omitidas.

Entre os dois enfoques tradicionais de tradução – literalidade e interpretação –, optamos por uma aproximação cuidadosa ao texto original, evitando criar um novo texto, mas sem cair na literalidade que poderia comprometer a clareza e a fluidez em português. Contudo, o latim de Hildegarda impõe desafios para expressar ideias abstratas, e frequentemente tivemos de optar pela tradução literal para conservar a essência do que estava expresso em latim.

### **Contexto político e religioso**

O século XII enfrentou grandes desafios, principalmente devido à crescente corrupção dentro da ordem eclesiástica. Bispos e arcebispos aspiravam a uma vida de luxo e poder, comportando-se como príncipes e acumulando bens materiais. Em contraste, figuras como Hildegarda e Bernardo de Claraval defendiam um retorno aos valores autênticos da fé cristã e a um modo de vida simples. A necessidade de uma reforma no sistema era evidente.

A Igreja estava fortemente atrelada ao sistema feudal, o que permitia que soberanos e senhores escolhessem candidatos para cargos eclesiásticos, comprometendo a independência e a integridade da instituição. Dois problemas graves afetavam a Igreja: a simonia, que envolvia a compra de cargos eclesiásticos, e o nicolaísmo, relacionado ao celibato clerical, que resultava no relaxamento dos costumes, na prática de concubinato e em frequentes escândalos de abuso.

Desde sua ascensão ao papado, em 1073, Gregório VII vislumbrava a necessidade de uma reforma profunda, mas enfrentou forte resistência das estruturas feudais e da alta hierarquia eclesiástica, impedindo a implementação das mudanças. Esse fracasso parcial

abriu espaço para o surgimento de heresias e novas doutrinas, que colocaram em risco a autoridade da Igreja. Os dissidentes não rejeitavam totalmente a fé cristã, mas apresentavam opiniões divergentes, o que fez com que o termo “heresia” assumisse uma conotação pejorativa, e os hereges fossem vistos como ameaças que precisavam ser eliminadas.

Diversos movimentos heréticos surgiram nesse período, como os valdenses, maniqueístas, bogomilos e cátaros. Embora os três primeiros tenham sido reprimidos com violência pela Igreja, os cátaros, especialmente em Colônia, uma das cidades mais prósperas da Europa, resistiram e prosperaram.

No plano político-religioso, um dos eventos centrais do século XII foi o conflito entre o papa e o imperador do Sacro Império Romano-Germânico. Esse embate começou em 1075, quando o papa Gregório VII, ao afirmar sua autoridade universal, retirou dos soberanos o direito de nomear bispos. O conflito entre a Igreja e o poder temporal se intensificou ao longo do século, culminando na segunda metade do período com as ações de Frederico I, ou Frederico Barba-Ruiva. Ele nomeou antipapas e expulsou os papas legítimos de Roma.

Apesar de episódios de relativa tranquilidade, como o acordo firmado em 1152 entre Frederico e o papa Eugênio III, que resultou na coroação imperial de Frederico em 1155, a tensão voltou a crescer. A Alemanha e a Itália foram palco de intensos conflitos entre as facções dos guelfos, que apoiavam o papa, e os gibelinos, que apoiavam o imperador. Frederico Barba-Ruiva governaria até 1196, mas a disputa entre o poder papal e imperial continuaria a moldar a história política e religiosa do período (Marty-Dufaut, 2020).

Como mencionado anteriormente, apesar de viver em um ambiente monástico fechado, Hildegarda mantinha uma conexão ativa com o mundo exterior. Proveniente de uma família aristocrática, ela desfrutava de apoio tanto em esferas religiosas quanto políticas, que no século XII eram profundamente interligadas. Autodenominando-se profetisa, transmitia o que acreditava ser a vontade divina e era ouvida com grande reverência, a ponto de ser chamada de “A Sibila do Reno”.

Suas cartas demonstram a extensão de sua influência política e religiosa, enfrentando os desafios de sua época com coragem e destemor. Hildegarda nunca questionou sua autoridade profética, que havia sido confirmada pelo próprio papa, e, amparada pela autoridade divina, sentia-se plenamente capaz de repreender até as figuras

mais poderosas, como ocorreu em suas intervenções contra o imperador Frederico Barba-Ruiva.

Esse conflito foi apenas um dos muitos embates político-religiosos nos quais Hildegarda esteve envolvida. No entanto, não pudemos incluir as cartas trocadas com os imperadores, presentes no volume III da *Continuatio Medievals*, que atualmente não está disponível para consulta. Mesmo assim, realizamos uma seleção criteriosa a partir dos volumes I e II, que estão ao nosso alcance. Entre os documentos selecionados, traduzimos conflitos significativos, como a carta XXIII, na qual Hildegarda desafia o poder eclesiástico após ser proibida de entoar hinos em seu mosteiro, em punição por ter enterrado um fiel em suas terras. Também incluímos a tradução de uma carta em que ela aborda a revolta dos cátaros, tocando em temas centrais de sua vasta correspondência.

A edição latina organizada por Lieven Van Acker contém cerca de quatrocentas cartas, classificadas não pela cronologia, mas pela hierarquia social de seus destinatários. Assim, a correspondência se inicia com as trocadas com figuras como Bernardo de Claraval e o Papa. No entanto, Hildegarda também manteve correspondências com nobres de menor destaque, eclesiásticos de diferentes posições e mulheres de sua época.

Os três volumes dessa edição abrangem cerca de dez categorias. Nos dois primeiros volumes (Cartas I a 250), a que tivemos acesso, a classificação se dá da seguinte maneira :

1. Cartas trocadas com papas, arcebispos e bispos (1-45);
2. Correspondências com clérigos ligados a localidades específicas (46-250);

No terceiro volume (que ainda não está disponível para nós), as cartas abrangem um público maior, além do âmbito eclesiástico:

3. Cartas relativas a membros do clero, sem critério geográfico (251-310);
4. Correspondências com nobres de alta estirpe (311-331);
5. Cartas relacionadas à nobreza, organizadas geograficamente (332-343);
6. Correspondências com outros leigos, sem indicação clara de origem geográfica (344-356);
7. Cartas cujos destinatários têm status não especificado (357-373).

As últimas seções incluem fragmentos de cartas compiladas por Van Acker (374-390), respostas teológicas anexadas a cartas, e algumas missivas apócrifas, atribuídas falsamente a figuras como os papas Eugênio III e Anastácio IV.

Para que o leitor pudesse adentrar gradualmente o mundo epistolar de Hildegarda, selecionamos cartas que abordam cinco dos temas mais frequentes em sua

correspondência: (1) A legitimação de sua visão mística; (2) Aspectos da vida comunitária; (3) Conselhos, consolos e reprimendas; (4) Curas e exorcismos; (5) Conflitos políticos, sociais e religiosos.

O reconhecimento mais amplo da obra de Hildegarda só ocorreu recentemente, muito tempo após seus contemporâneos. Suas obras (incluindo algumas cartas) tornaram-se conhecidas a partir de 1855, quando Jacques-Paul Migne publicou sua obra quase completa no volume 197 da *Patrologia Latina*. Hoje, a edição crítica mais respeitada é a de Van Acker, que abrange todo o epistolário em três volumes (1991, 1993, 2001). Nossa seleção foi realizada a partir dos volumes I e II, de 1991 e 1993.

1) Epístolas sobre a legitimação de Hildegarda como visionária

- a) Epistula I: *Hildegardis ad Bernardum abbatem Clareuallensem* - “Hildegarda ao abade Bernardo de Claraval” (a. 1146-1147);
- b) Epistula I - R: *Bernardus abbas Clareuallensis ad Hildegardem* - “Bernardo de Claraval à Hildegarda” (a. 1146-1147);
- c) Epistula II: *Hildegardis ad Eugenium Papam* - “Hildegarda ao papa Eugênio” (a.1148);
- d) Epistula III: *Hildegardis ad Eugenium Papam* - “Hildegarda ao Papa Eugênio” (a.1148-1153);
- e) Epistula IV: *Eugenius Papa ad Hildegardem* - “Papa Eugênio à Hildegarda” (a.1151);

2) Aspectos da vida comunitária

- a) Epistula CL: *Sophia abbatissa ad Hildegardem* - “Abadessa Sofia à Hildegarda” (a.1153);
- b) Epistula CL - R: *Hildegardis ad Sophiam abbatissam* - “Hildegarda à abadessa Sofia” (a.1153);

3) Conselhos e reprimendas

- a) Epistula XXV: *Eberhardus Archiepiscopus Iuuauensis ad Hildegardem* (a. 1163-1164);
- b) Epistula XXV - R: *Hildegardis ad Eberhardum archiepiscopum Iuuauensem* (a.1163-1164);

4) Curas e exorcismos

- a) Epistula LXX: *Quinque abbates ad Hildegardem* (a. 1157);
- b) Epistula LXX - R: *Hildegardis ad quinque abbatem* (a.1157)

5) Conflitos políticos, sociais e religiosos

- a) Epistula XXIII: *Hildegardis ad praelatos moguntinenses* (a. 1178-1179);
- b) Epistula CLXIX: *Conuentus fratrum ad Hildegardem* (a. 1163);
- c) Epistula CLXIXR: *Hildegardis de Catharis* (a. 1163).

### Comentários sobre algumas cartas selecionadas

A primeira carta analisada, endereçada por Hildegarda a Bernardo de Claraval, é de extrema importância. Na época, Hildegarda contava com quase cinquenta anos e, ao escrever para Bernardo, afirmou receber instruções de uma entidade divina. Com cautela e discrição, ela compartilha suas visões com ele e solicita conselhos sobre se deveria revelar essas experiências ou mantê-las em segredo. A intenção era, na verdade, garantir certa legitimidade perante as autoridades religiosas para evitar possíveis complicações futuras – e São Bernardo, tendo recentemente pregado a Segunda Cruzada em Vézelay em 1146 e desfrutando do favor papal, era a figura ideal para isso. A referência direta de Hildegarda a essa pregação permite datar sua carta como posterior a esse sermão.

Vários aspectos da carta são notáveis: Hildegarda expressa uma profunda humildade ao se referir a si mesma como “miserável” e destaca sua condição feminina, que na época muitas vezes era vista como de menor valor ou autoridade (*Ego, misera et plus quam misera in nomine femineo* (...)) “Eu, miserável e mais do que miserável em nome feminino”). Ao mesmo tempo, ela enfatiza a natureza mística de suas visões, que a acompanham desde a infância e não são percebidas pelos sentidos físicos, mas compreendidas espiritualmente.

Essa passagem reflete a tensão entre a experiência espiritual intensa e a dificuldade de transmitir essas experiências em um contexto humano e limitado (... *ab infantia mea uidi magna mirabilia, que lingua mea non potest proferre, nisi quod me docuit Spiritus Dei, ut credam* “... desde minha infância vi grandes maravilhas, que minha língua não pode pronunciar, exceto o que me ensinou o Espírito de Deus, para que eu creia”). Dirigindo-se a Bernardo como “a tua serva indigníssima” (*indigne famule tue*), Hildegarda apela para a bondade e santidade de Bernardo, pedindo-lhe uma resposta às suas dúvidas e aflições sobre suas visões, em busca de orientação e consolo. Ela própria confessa ter confiado suas visões a um monge de sua grande confiança, devido à sua experiência e integridade espiritual, sendo este Volmar, que posteriormente se tornará seu primeiro secretário.

Em sua resposta, na epístola I - R, Bernardo expressa humildade, reconhecendo que Hildegarda o vê de maneira mais elevada do que ele mesmo se vê. Ele atribui essa consideração à humildade dela.

Bernardo congratula-se com a graça de Deus presente em Hildegarda e a encoraja a responder a essa graça com toda humildade e devoção. Ele cita que "Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes", reforçando a importância da humildade na vida espiritual. Bernardo também reconhece a profundidade da sabedoria espiritual de Hildegarda, sugerindo que, dada a sua instrução divina, pouco mais ele poderia ensiná-la ou aconselhá-la.

A carta termina com um pedido humilde de Bernardo para que Hildegarda se lembre dele e daqueles que estão espiritualmente unidos a ele em suas orações. Este pedido sublinha a união espiritual entre eles e outros fieis que compartilham da mesma fé e mostra o quão reconhecida e aceita Hildegarda foi desde o início de sua trajetória espiritual.

A resposta de São Bernardo é extremamente cautelosa: embora ele a encoraje a perseverar na fé, ele é evasivo quanto às visões de Hildegarda e não oferece uma opinião clara. Ele se refugia nas inúmeras tarefas que lhe incumbem e evita responder mais detalhadamente à sua interlocutora. Lembremos, além disso, que, teoricamente, as mulheres não têm o direito de dar ensinamentos públicos; elas têm acesso a apenas um tipo de conhecimento, o conhecimento inspirado, para o qual seu sexo pouco importa; ora, ao contrário das beguinhas que a precederam, Hildegarda escreve na língua dos clérigos, o latim, e não na língua vulgar. No entanto, durante o Sínodo de Tréveris, São Bernardo se mostrará menos prudente e apoiará a causa de Hildegarda diante do papa.

A carta II de Santa Hildegarda de Bingen ao Papa Eugênio III, escrita em 1148, se insere no seguinte contexto: o abade de Disibodenberg (convento misto no qual Hildegarda substituiu Jutta na função de madre superiora) havia entregue ao arcebispo de Mainz as primeiras páginas do *Scivias*, que Hildegarda só terminaria em 1151. O arcebispo as transmitiu ao papa Eugênio III, que enviou dois legados ao Disibodenberg para que lhe trouxessem uma cópia da obra de Hildegarda. Os trechos foram lidos no Sínodo de Tréveris, em 1147. São Bernardo interveio a favor de Hildegarda, e o papa “autorizou em nome de Cristo e de São Pedro a publicação de tudo o que ela havia aprendido do Espírito Santo.”

As duas cartas são um exemplo poderoso da mística e teóloga medieval que se dirigia à autoridade papal com humildade e profunda espiritualidade. Apresenta-se como

uma "pobre criatura" que escreve sob a inspiração divina, reconhecendo a visita do Papa e seu interesse pelos escritos dela, que resultaram de visões místicas. Hildegarda destaca que tais escritos são necessários para enfrentar desafios espirituais ocultos que ainda não se manifestaram abertamente.

Além disso, afirma que, embora uma parte de seus escritos esteja finalizada, a Luz Divina que a guiou desde a infância ainda está com ela. Ela envia a carta como uma admoestação de Deus, desejando que a Luz Divina brilhe no Papa, infunda-lhe pureza de visão e desperte seu espírito para continuar o trabalho espiritual que agrada a Deus. Adverte sobre o desprezo para com os mistérios de Deus, enfatizando sua importância crucial e a necessidade de permanecer no caminho reto, mesmo quando os desígnios divinos ainda não se revelaram plenamente.

As cartas II e III também contêm um metáforas poderosas: um rei que toca uma pequena pena, simbolizando a fragilidade sustentada pela graça divina, e instrui o Papa a se comportar como uma águia para ser a liderança espiritual da Igreja.

A resposta do papa Eugênio III à Hildegarda, na epístola IV, é uma expressão de encorajamento e apoio à abadessa, reconhecendo sua influência espiritual e estimulando-a a continuar sua missão com perseverança e vigilância. Além disso, reflete a preocupação da Igreja com a manutenção da disciplina e da ordem dentro das comunidades religiosas, destacando a importância da liderança eficaz e da administração justa.

Nesta carta, o Papa Eugênio III escreve à Hildegarda de Bingen, reconhecendo e elogiando sua reputação de honestidade e sua dedicação espiritual. Ele se alegra pelo fato de que ela se tornou um exemplo para muitos e expressa sua confiança de que ela, inflamada pelo amor divino, não necessita de exortações adicionais para continuar suas boas obras.

Comentar cada carta individualmente seria desnecessário, já que acreditamos que elas, por si só, expressam seu conteúdo de maneira clara. No entanto, buscamos destacar as quatro primeiras, pois inauguram o percurso que levou Hildegarda a registrar tudo o que lhe foi revelado pela Luz Divina. É importante ressaltar que alguns comentários pontuais também foram inseridos como notas de rodapé na tradução das cartas. Nessas correspondências selecionadas, o leitor perceberá, além da profunda admiração e respeito, o reconhecimento dos contemporâneos de Hildegarda por sua inteligência e seus dons divinos.

## Referências

BÉLY, L. **Connaître les Cathares**. Luçon: Éditions Sud Ouest, 1999.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Edição de Paulo Bazaglia. São Paulo:Paulus, 2002. 2206 p.

BINGEN, Hildegard von; VAN ACKER, L. (Ed.). **Epistolarium II: pars secunda**, XCI–CCL. Turnhout: Brepols, 1993.

BINGEN, Hildegard von; VAN ACKER, L. (Ed.). **Epistolarium**, I-XC. Turnhout: Brepols, 1991.

BINGEN, Hildegard von; FÜHRKÖTTER, A.; CARLEVARIS, A. (Ed.) **Sciuias**. Corpus Christianorum Continuatio Mediaevalis (= CCCM) 43-43a. Turnhout: Brepols, 1978.

BINGEN, Hildegard von; CARLEVARIS, A. (Ed.). **Liber uite meritorum**. CCCM 90. Turnhout: Brepols, 1995.

BINGEN, Hildegard von; DEROLEZ, A.; DRONKE, P. (Ed.) **Liber diuinorum operum**. CCCM 92. Turnhout: Brepols, 1996.

BINGEN, Hildegard de. **Lettres**. Grenoble: Jérôme Millon, 2007. 262 p. Textes traduits du latin, présentés et annotés par Rebecca Lenoir.

BINGEN, Hildegard of. **Letters**, volume 1. New York: Oxford U.P., 1994. 242 p. Translated by Joseph L. Baird and Radd K. Ehrman.

GAFFIOT, F. **Dictionnaire latin-français**. Paris: Hachette, 1934.

GILSON, Etienne. **A filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LEONHARDT, J. **La grande histoire du latin**: des origines à nos jours. Traduit de l'allemand par Bertrand Vacher. Paris: CNRS éditions, 2010.

MARTY-DUFAUT. **Hildegard de Bingen**. Rennes: Éditions Ouest-France, 2020.

MARTINS, M.C.; EGGERT, E. *Viriditas* de Hildegarda de Bingen: conceito integrador de corpo e do espírito. **Medievalis**. Revista do Núcleo Interdisciplinar de Estudos em Literatura da Idade Média (NIELIM). Rio de Janeiro: UFRJ, 2024. p.35-53.  
<https://doi.org/10.55702/medievalis.v12i2.62960>  
<https://revistas.ufrj.br/index.php/medievalis/article/view/62960/41262>. Acesso em 10 de agosto de 2024.

MOULINIER, L. **Le Manuscrit Perdu à Strasbourg**: enquête sur l'œuvre scientifique de Hildegard. Sorbonne: Presses Universitaires de Vincennes, 1995.

PERNOUD, R. **Hildegard de Bingen**: a consciência inspirada do século XII. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. 136 p. Tradução de Eloá Jacobina.

SILVA, D. N. O que é catarismo? **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-catarismo.htm>. Acesso em 27 de outubro de 2024.

VANNIER, M.-A. **Les visions d’Hildegarde de Bingen**: dans Le livre des oeuvres divines. Paris: Alban Michel, 2015.

VERGER, J.. **Culture, enseignement et société en Occident aux XIIe et XIIIe siècles**. Presses universitaires de Rennes, 1999. <https://doi.org/10.4000/books.pur.21353>.